

**O EU EM FLORBELA ESPANCA: SUJEITO E AUTORIA**

Catiane Vieira SOUZA (UNEMAT)¹
Eliana de ALMEIDA (UNEMAT)²

Resumo: A repetição do termo *Eu* e, conseqüentemente, de sentidos na poesia de Florbela Espanca (1894-1930), norteará essa reflexão, a partir do que buscaremos compreender, pela perspectiva discursiva a sua relação com a função-autor (FOUCAULT, 1969;1990;), os processos de autoria (ORLANDI, 1996; 2004; 2007;) e, mais especificamente, com a noção de autoria na escrita poética. Tendo em vista as instâncias de *eus* que a escrita poética põe em jogo, na situação imediata do dizer poético, perguntamos pela relação entre o escritor (uma poetisa portuguesa), o locutor (enunciador poeticamente construído no texto literário) e o sujeito-poeta, a posição discursiva a que se inscreve o escritor nessa escrita poética. Centraremos o nosso olhar no uso reiterativo do pronome *eu*, supondo sua repetição enquanto um lugar discursivo que materializa diferenças, no modo como o sujeito-escritor traduz pela poesia os diferentes fios discursivos que o significam, no (des)encontro mesmo do seu dizer com os dizeres do Outro.

Palavras-chave: Autoria; sujeito; metáfora; discurso; memória discursiva.

Abstract: The repetition of the word I and consequently the way in the poetry of Florbela Espanca (1894-1930), will guide this reflection, from what we seek to understand the discursive perspective its relationship with the author-function (Foucault, 1969 1990;), authoring processes (Orlandi, 1996; 2004; 2007;), and more specifically, the term authored written in poetry. Given the instances of selves that poetic writing brings into play, in the immediate say poetic situation, asked by the relationship between the writer (a Portuguese poet), the announcer (enunciator poetically built in the literary text) and the subject-poet, the discursive position that fits the writer in this poetic writing. We will focus our attention on the repetitive use of the pronoun I, assuming its repetition as a discursive place that materializes differences in the way the subject-writer translates poetry different discursive thread that mean in the encounter (des) Even your say the words of the Other.

Keywords: Authorship; subject; metaphor; speech; discursive memory.

Compreender a autoria na relação entre o texto e o sujeito que o produz significa conceber o sujeito da escrita como uma construção do próprio discurso, (ORLANDI, 1999). Ao trabalharmos com os poemas de Florbela Espanca (1894-1930), uma escritora portuguesa, nos ataremos às repetições do termo *eu* como foco dessa reflexão, pois que abrirão o leque à construção de diferentes sentidos à relação texto/sujeito, trazendo como implicações a compreensão que distingue teoricamente as instâncias entre o *eu* – locutor, o *eu* – enunciador (função-autor) e o *eu* – sujeito-autor.

Essa coincidência entre o enunciador e o texto que formula é inicialmente tratada na Linguística por Benveniste, em seu artigo *Da subjetividade na linguagem* (1988, pág. 284-

¹ Acadêmica do curso Licenciatura Plena em Letras, Universidade do Estado de Mato Grosso – UNEMAT.

² Doutora em Linguística e professora da UNEMAT, Curso de Letras, Pontes e Lacerda – MT.



293). Ao definir a natureza da linguagem para além do caráter instrumental, o linguista afirma *É na linguagem e pela linguagem que o homem se constitui como sujeito, porque só a linguagem fundamenta na realidade, na sua realidade que é a do ser, o conceito de 'ego'*. Ou seja, a possibilidade de se dizer *eu* dá-se necessariamente na enunciação em que um interlocutor submetido ao sistema significante da língua fala a um *tu*. Benveniste afirma:

A linguagem de algum modo propõe formas 'vazias' das quais cada locutor no exercício de discurso se apropria e às quais refere à sua 'pessoa' definindo-se ao mesmo tempo a si mesmo como 'eu' e a um parceiro como 'tu'. (BENVENISTE, 1988, pág. 291).

Valemo-nos também de Foucault, em sua obra *O que é o autor?* (1969), para quem o autor é considerado como o princípio de agrupamento do discurso, assegurando-lhe a unidade e a coerência de sentidos. Diríamos, a partir de Foucault, que o autor é a função que o “*eu*” assume enquanto produtor de linguagem, pelas perspectivas discursivas que constrói. Assim, a autoria não se relaciona empiricamente ao estado civil do homem, tampouco está definida como o *eu* poético da ficção, mas nos modos de existência e circulação de diferentes perspectivas discursivas, engendradas no interior de uma sociedade, através de suas instituições e relações de poder.

Essa noção de função-autor liga-se à linguagem como metáfora da morte do autor. Foucault a define a partir da formulação de Beckett *que importa quem fala*, em que o “*eu*” se constitui assumindo para si diferentes modos da organização social, afastando-se desses sentidos enquanto mero locutor. Assim, o escritor constitui-se como sujeito do próprio discurso, conforme considera Foucault em *O Pensamento do Exterior*, tratando da diferença fundamental entre as formas verbais *mintto* e *falo*:

A menos precisamente, que o vazio em que se manifesta a equidade sem conteúdo do “*falo*” não seja uma abertura absoluta por onde a linguagem possa propagar-se no infinito, enquanto que sujeito o “*eu*” que fala se fragmenta, se esparrama e se dispersa até desaparecer neste espaço vazio. (Foucault 1990).

As formas verbais *mintto/falo* apresentam para Foucault diferentes funcionamentos discursivos, em que *mintto* desdobra-se para duas outras possíveis formulações, como em 1- *mintto* – ao afirmar que sempre ou esporadicamente, *mintto*; e em 2- *mintto* – ao afirmar que *mintto* no momento mesmo da enunciação. Essa distância promovida em 1, entre aquele que fala e o se diz parece não ser a mesma em 2. Neste caso, o *eu* que enuncia precipita-se para o



vazio do performativo *mint*, fazendo fundir o texto e o sujeito, mente-se ao mentir. Do mesmo modo em *falo*, em que não posso simplesmente afirmar que *falo* sempre ou esporadicamente, visto que *falo* ao falar.

Buscaremos compreender os sentidos para o termo *eu* em Florbela Espanca, considerando a linguagem enquanto esse espaço vazio de definição do homem, para o qual o enunciador se precipita, ao assumir como seu os diferentes modos de organização do mundo. Propomos ainda o diálogo entre essas definições da linguagem em Benveniste e Foucault com as reflexões de ORLANDI (1999) sobre autoria. Pela perspectiva da Análise do Discurso, a autora considera que esse lugar de dizer-se “*eu*” se dá pela assunção do sujeito, como tomada de posição ideológica, regida pelas condições de produção históricas daquele que formula, o sujeito-autor.

O escritor, como responsável pelo texto que produz, é aquele que organiza sintaticamente a poesia, combinando-a termo-a-termo na linearidade da língua. A propósito de nossa leitura e análise, trazemos duas poesias de Florbela Espanca (1894), sob a forma de soneto que se intitulam *Eu*, que para efeito de referência, as designaremos como *Eu 1* e *Eu 2*:

Eu...

Eu sou a que no mundo anda perdida,
Eu sou a que na vida não tem norte,
Sou a irmã do Sonho, e desta sorte
Sou a crucificada... A dolorida...

Sombra de névoa tênue e esvaecida,
E que o destino amargo, triste e forte,
Impele brutalmente para a morte!
Alma de luto sempre incompreendida!...

Sou aquela que passa e ninguém vê...
Sou a que chamam triste sem o ser...
Sou a que chora sem saber por quê...

Sou talvez a visão que Alguém sonhou,
Alguém que veio ao mundo pra me ver,
E que nunca na vida me encontrou!

Eu

Até agora eu não me conhecia,
julgava que era Eu e eu não era
Aquela que em meus versos descrevera
Tão clara como a fonte e como o dia.



Mas que eu não era Eu não o sabia
mesmo que o soubesse, o não dissera...
Olhos fitos em rútila quimera
Andava atrás de mim... e não me via!

Andava a procurar-me - pobre louca!-
E achei o meu olhar no teu olhar,
E a minha boca sobre a tua boca!

E esta ânsia de viver, que nada acalma,
E a chama da tua alma a esbrasear
As apagadas cinzas da minha alma!

Em *Eu 1*, os termos *eu* comparecem como espaços vazios de apropriação do ser, produzindo o efeito de injunção entre língua e sujeito. O *eu* que formula é, ao mesmo tempo, aquele que se autodefine enquanto ser. Podemos compreender na poesia de Florbela Espanca a distância que se estabelece entre o *eu* locutor, uma poetiza no mundo, do *eu* que se enuncia pelo soneto - o Locutor sob as contingências do dizer poético e do *eu* sujeito-autor, aquele que assume posições ideológicas no modo como diz *eu*.

Para além do *eu* locutor – um ser no mundo, na poesia *Eu 1*, percebemos os modos pelos quais a língua/eu se inscreve no ritual, na fórmula do discurso literário, à medida que o termo *eu* abre espaço para o vazio, precipitando nele como um *eu* que diz e como um *eu* dito ao mesmo tempo dito pelo Outro, como que fragmentando-se nesse espaço poético de significações.

O *Eu* que se apresenta em *Eu 1*, não é meramente um *eu* ficcional. Ao formular poeticamente *Eu sou aquela*, Espanca distancia-se de si enquanto locutora e traz para si os sentidos que constituem o Outro. A repetição da formulação *eu sou...* funciona justamente como a reiteração de que aquele que diz, o faz a partir do Outro. A definição do *eu* que enuncia sustenta nos sentidos que constituem o Outro, apagando-se enquanto tal para que esse Outro assuma o espaço de constituição do *eu*. Pode-se afirmar que o *Eu* em Florbela Espanca abre-se para o vazio em cada *eu sou* que se repete, como sintoma da falta e da incompletude constitutivas do sujeito, precisando ser (re)afirmado a todo tempo.

As repetições e reiterações não são compatíveis com os sentidos de completude. Pelo discurso religioso, numa alusão ao texto bíblico que descreve a subjetividade de deus, logo, como a verdade suposta, define-se como o *Eu sou*, cuja formulação não se desdobra em interpretações, tampouco se metaforiza. As repetições da formulação *Eu sou* definem em *Eu 1*, de Florbela Espanca, a incompletude do sujeito que se enuncia numa língua que falta.



Assim, imbrica-se a indefinição daquele que enuncia à língua a partir da qual fala. Vemos assim os apagamentos constitutivos dessas instâncias do sujeito como um modo de existência pelo qual ele se constitui.

Em *Eu 2*, no uso da primeira pessoa do discurso, como em *Até agora eu não me conhecia/ julgava que era Eu e eu não era/ Eu sou a que no mundo anda perdida*, a escritora brinca com o efeito de heterogeneidade produzido pelo/no termo *Eu*. Os versos poéticos marcam no termo *Eu* os sentidos das não coincidências possíveis entre os *eus* que habitam a língua, em suas diferentes perspectivas.

A incompletude do dizer atesta a abertura no simbólico, como afirma Orlandi (2000), pois que a falta é também um lugar do possível. A língua em Florbela Espanca se reitera no uso do *eu*, repetindo e marcando em sua indefinição um *eu* que insiste em definir-se para se significar.

Foucault considera que o sujeito da literatura, aquele que fala nela e do qual ela fala, não seria mais que o vazio que nela se encontra quando se enuncia. Assim sendo o autor atesta a literatura não como a linguagem que se identifica consigo mesma até o ponto de sua incandescente manifestação, mas a linguagem distanciando-se o mais possível de si mesma, FOUCAULT (1990. 14).

A escritora das poesias *Eu*, sua locutora responsável pelo dizer, enquanto um *Eu* que se descreve, vai ganhando espaço na escrita, deixando de ser si mesma para tornar-se e assumir as configurações do Outro. O *Eu* constitui-se no termo vazio da língua, ocupado por alguém que a formula poeticamente e que faz desse lugar na língua uma tomada de posição do mesmo que formula. O autor, para Foucault (2001, pág. 4), é aquele que vai deixando suas características individuais ao circunscrever-se no lugar social – o literário – de dizer, como quem despista os signos de sua individualidade particular, marcando-se na singularidade de sua ausência.

Do autor, afirma Orlandi (1999. 78), é exigida a coerência do texto, sua inserção aos padrões de escrita estabelecidos, quanto à fórmula do discurso e seus rituais discursivos. O autor se representa como o sujeito que, tendo o domínio de certos mecanismos discursivos, constitui-se na linguagem, pela ordem social à qual está submetido. Discursivamente o autor constrói-se na relação entre o sujeito/texto e sua exterioridade.

Essas considerações permitem que atribuamos à Florbela Espanca a responsabilidade da formulação dos textos poéticos enquanto uma locutora que, como poeta no mundo, diz. No entanto, vale considerar que para isso é necessário submeter-se à língua e, mais



especificamente, os rituais poéticos de sua combinação linear, modo pelo qual o *eu* que formula se afasta do que diz, como o enunciador que inclui o Outro no seu dizer – o autor.

É no modo como esses *eus* se significam que a Análise do Discurso sustenta a assunção do sujeito-autor, visto que em Florbela Espanca a poesia é formulada sob a forma de soneto, o que não é trivial para pensar as condições de produção que determinam o sujeito que formula e o modo como o faz.

Se a autoria constitui-se como um gesto de interpretação, determinado historicamente pela exterioridade, como afirma Orlandi, 2004. 75, implica-nos ainda compreender os modos pelos quais a autoria em *Eu 1* e *Eu 2* de Florbela Espanca se diz poeticamente através da estrutura fixa do soneto.

Referências

- ESPANCA, Florbela. **Poemas**. Livraria Martins Fontes. Ed. 1996. São Paulo Brasil.
- BORGES. Maria Cristina Ramos; JESUS. Sergio Nunes. Bakhtin/ Ducrot; contribuições para análise do discurso. **Bakhtiniana**. São Pulo, v.1 n.3, p.153-163. 2010.
- FOUCAULT, Michel. **O Pensamento do Exterior**. Editora Princípios: São Paulo, 1990.
- _____. **O que é um autor?** 1969.
- ORLANDI, Eni P. Interpretação: Autoria, Leitura e efeitos do trabalho simbólico. In: **Autoria e Interpretação**. Editora: Pontes, Campinas-SP, 2004.
- _____. **Análise do discurso: princípios e procedimentos**. Campinas, São Paulo. Pontes 2000.
- _____. **Introdução às ciências da linguagem - Discurso e textualidade/ Suzy Lagazzi-Rodrigues e Eni P. Orlandi (orgs)** Pontes Editores, 2010- 2ª edição: Campinas, São Paulo.